SOLITUDE DE POENTES

Wendel Golfetto

MIRADA

Estações de Trem Vazias

Se o paraíso é a beleza de uma praia
Ou a tranquilidade de um lago,
Então quero o inferno;
O furacão de um trago em segundos
No bar de uma passagem de galeria.

Não quero a natureza para o meu dia a dia,
Apenas para devaneios passageiros,
Pois me canso dessa reflexão em poesia.

Quero o embate no concreto armado;
O alvoroço dos bares ao meio-dia;
A música do trânsito na Marginal;
A britadeira rítmica rompendo o asfalto;
A sirene da ambulância na região central.

Nos bares, quero ouvir o espremedor de suco;
O estampido e repique da tampinha de garrafa
Para debaixo do balcão;
O encaixe dos copos na frenética lavada.

Quero ver o sol no colorido terraço
Rosa, azul e amarelo
De um Artacho.

Me sentar na quina do balcão;
Ver a luz solar invadindo os paredões dos edifícios;
Observar o movimento na entrada da Santa Casa;
Dividir digressões com personagens
De uma vida somente freada por um gole de cachaça

Ver o nascer e morrer de lojas;
O velho ambulante aposentado do viaduto,
Que ninguém sabe onde mora
E que, na multidão, parece oculto.

Quero enxergar a paisagem de Hopper nos feriados;
O mistério da solidão no envelhecer na cidade;
Avistar a mim próprio
Na vida marcada nas esquinas
De um passado e presente que se encontram
Entre estações de trem vazias..

Solitude de Poentes

A solitude de seu olhar
Transpassa alma turva
No crepúsculo vago
De passos brutos;

Desfigura o tempo
Em infinitos raios
A tomar espaços;

Resguarda as sombras
De memórias fanadas
Em derradeiros abraços.

Seu passar pela rua a
Deserta em galhos secos;

Dobra o sino
De medieval badalo;

Arregimenta céus
Em entoado desaguar;

Desmonta o segredo
Nos vergéis campos
Que lhe afogam;

Lateja
Assombro de poentes
Numa eloquente cadência
De parcial morte.

Wendel Golfetto – Nascido na capital paulista e formado em Direito pela PUC/SP, com mestrado na mesma instituição, o autor é servidor público. Possui algumas publicações em zines, na revista digital Kuruma'tá e em três antologias que reúnem diversos autores.Começou a escrever poemas ainda nos anos 1990, mas deixou-os engavetados, tendo retomado esse ofício da alma há quatro anos. Em 2022 lançou, de forma independente, o livro "Sanatório da Mente, o peso das sombras" onde reúne alguns de seus poemas de aspectos mais sombrios. Instagram: @sanatoriodamente

intervenção na foto de Matheus Frade

Diagramação: Taciana Oliveira